

Convergências e pontos de contato entre a Antropologia Urbana da juventude em Buenos Aires e São Paulo

Ana Letícia de Fiori



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2967>

DOI: 10.4000/pontourbe.2967

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrônica

Ana Letícia de Fiori, « Convergências e pontos de contato entre a Antropologia Urbana da juventude em Buenos Aires e São Paulo », *Ponto Urbe* [Online], 17 | 2015, posto online no dia 15 dezembro 2015, consultado o 07 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/2967> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2967

Este documento foi criado de forma automática no dia 7 Maio 2019.

© NAU

Convergências e pontos de contato entre a Antropologia Urbana da juventude em Buenos Aires e São Paulo

Ana Letícia de Fiori

REFERENCES

CHAVES, Mariana. SEGURA, Ramiro [et. al.] *Hacerse un lugar: circuitos y trayectorias juveniles en ámbitos urbanos*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial Biblos, 2015.

- 1 O lançamento de *Hacerse un lugar: circuitos y trayectorias juveniles en ámbitos urbanos* durante a IX Reunião de Antropologia do Mercosul, em Montevideo, ensejou o convite para que o Núcleo de Antropologia Urbana – NAU apresentasse uma leitura dos artigos que compõem o livro em uma perspectiva comparativa com os trabalhos que são desenvolvidos pelo NAU. Tratava-se, portanto, de comparações entre diferentes loci de pesquisa etnográfica (majoritariamente Buenos Aires e São Paulo), mas também de diferentes modos de articular os cânones bibliográficos da antropologia urbana. Esta resenha é fruto da leitura apresentada na XI RAM.
- 2 Em uma primeira aproximação, pode-se perceber muitas convergências entre os trabalhos desenvolvidos pelo NAU e pelo Núcleo de Estudios Socioculturales, em termos da escolha de objetos empíricos recortados a partir das inscrições das práticas culturais de diferentes agentes no espaço urbano, mas também de repertórios conceituais e teóricos e questões de investigação. Convergência é uma palavra mais adequada do que semelhança, pois é perceptível que o modo como são articulados temas, abordagens, autores e métodos nos artigos presentes na coletânea traz consigo a marca de uma antropologia outra, desenvolvida a partir de saberes e interesses localizados, e que, portanto, produzem uma determinada perspectiva.

- 3 A perspectiva “de perto e de dentro”, na formulação que se tornou uma espécie de carta de apresentação do Núcleo de Antropologia Urbana, traz uma série de implicações metodológicas. Ela começa pelo exercício de caminhar pela cidade, a partir de percursos que são esboçados, mas não determinados com antecedência. Este é um exercício de educar a nossa atenção – nos termos de Tim Ingold (2001) - a perceber como atores sociais e elementos da paisagem vão sendo processual e reciprocamente constituídos. E assim, os percursos de antropólogas e antropólogos em campo são emaranhados nos trajetos desses atores e cenários, a partir dos quais eles constroem sua inteligibilidade. Só é possível percorrer estes trajetos e com eles identificar os circuitos e os pontos nodais que os constituem, pedaços, manchas, pórticos - como se convencionou chama-los no NAU -, de perto e de dentro, sob a guia dos interlocutores da pesquisa.
- 4 Assim, são também realizados processualmente os recortes empíricos de cada pesquisa, que escapam às classificações macrossociológicas de faixa etária e geração, classe social, gênero e raça – demasiadamente calcadas em uma noção de pessoa que já há muito tempo Simmel (1903) havia denominado *individualismo quantitativo* em seu clássico estudo sobre “As Grandes Cidades e a Vida do Espírito” e que podem ser refletidas também à luz das discussões sobre governamentalidade de Michel Foucault (1978), diante das questões contemporâneas em que as diferentes agências do Estado são imprescindíveis para os sujeitos da pesquisa - e sua inscrição no território urbano a partir de índices que dificilmente refletem as múltiplas pertenças e modos de habitar a cidade.
- 5 Nas pesquisas etnográficas em contexto urbano são encontradas outras formas de classificação, que relacionam intimamente pessoas, lugares, memórias e afetos, e que estão também em disputa em meio à justaposição de classificações, nas quais os *circuitos* muitas vezes tornam-se curto circuitos. Conflitos igualmente criativos e constitutivos da experiência urbana.
- 6 Desse modo, o fazer antropológico percorre também as percepções e formas de classificação e práticas de conhecimento mobilizadas por estes atores, deixando-as enredar-se nos aportes teóricos e conceituais da disciplina. É a repetição no plano descritivo e analítico da operação empreendida na coleta de dados. Surgem daí, tal como está presente nos capítulos que compõem a coletânea *Hacerse um lugar*, “teorias etnográficas”, como as denominou Marcio Goldman (2006). É possível perceber então a constância das operações que resultam nessas teorias etnográficas, e que compõem as boas descrições antropológicas, como aquilo que promove as conexões parciais entre os diferentes artigos de *Hacerse un lugar* e, também, entre estes artigos e trabalhos que foram ou estão sendo desenvolvidos pelo Núcleo de Antropologia Urbana.
- 7 O primeiro trabalho da coletânea, “Aparecer, bailar y actuar em la ciudad: modos de ser punks, breakers y cirqueros”, poderia ter figurado quase sem emendas na coletânea *Jovens Na Metrópole*, lançada por pesquisadores do NAU em 2007. Trata-se de investigações realizadas por três pesquisadoras diferentes, unidas pelo interesse nas práticas artístico-estético-políticas de jovens argentinas e argentinos, em que as trajetórias biográficas de tais jovens são construídas no e por meio dos espaços ocupados por estas práticas. Assim, a própria concepção do que é arte, estética ou política para punks, breakers e cirqueros só pode ser compreendida *in loco*, por aqueles corpos que se deslocam e que, nos três casos, enfrentam os processos de segregação urbana e de domesticação de uma juventude constantemente vista como perigosa se demasiado investida de “tempo livre”. Pensá-los ao longo de seus circuitos permite não os conceber como grupos fechados, e a própria noção de juventude é flexibilizada conforme estes atores vão envelhecendo e sendo

investidos de novas relações e papéis sociais sem deixar de agenciar e reconhecer-se nessas práticas e em seus modos de habitar e perceber o mundo.

- 8 Em alguns dos circuitos juvenis que estudamos hoje no NAU, como a cena do black metal pesquisada no mestrado de Lucas Lopes de Moraes (2014) ou entre os jogadores e jogadoras de Roleplaying Games que eu pesquisei durante minha iniciação científica (FIORI, 2012), encontramos “jovens” de 40 ou 50 anos, alguns dos quais iniciando a próxima geração em suas práticas, com maior ou menor grau de adesão. Ainda assim, quando o olhar etnográfico busca manifestações culturais de jovens da periferia paulistana, o punk e o hip hop coexistem com diferentes graus de fricção com o funk em suas diferentes vertentes, e ao mesmo tempo deslocam-se para o centro e para outros contextos, chegando mesmo às longínquas comunidades amazônicas onde o NAU também tem realizado pesquisa desde 2009 (MAGNANI e ANDRADE, 2012).
- 9 Isto nos coloca a questão das escalas. Certo referencial teórico clássico da antropologia urbana, compartilhado por nós do NAU e os pesquisadores do NES, como o já mencionado Simmel, os precursores da Escola de Chicago como Robert Park (1925), e Louis Wirth (1938), considerava o fenômeno urbano e em especial as grandes cidades como objeto de estudo dados os fatores de tamanho, densidade e heterogeneidade de seus habitantes. Park e seus pares concebiam a partir disso uma ecologia da vida urbana a partir da imagem de um “melting pot”, de processos de assimilação e acomodação e da formação de diferentes “regiões morais”. Dos anos 80 em diante, a imagem das redes em diferentes formulações teóricas permeou estudos urbanos como os de Ulf Hannerz (1980), pensando conexões que não necessariamente indicam contiguidade espacial ou produzem fronteiras definíveis, mas que buscam sublinhar os fluxos de pessoas e informações. Uma consequência dessa imagética é o recorte de objetos empíricos cujos circuitos se inscrevem nas, mas sobretudo para além das grandes cidades, de modo que seu tamanho já não é capaz de nos fornecer seja a escala do fenômeno que estamos estudando, seja a unidade de análise para um esforço comparativo, que também realizaria uma espécie de ampliação e passagem para uma nova escala, se comparássemos por exemplo os b-boys de Buenos Aires com os de São Paulo. Por exemplo: O circuito do black metal tem pedaços em bares de São Paulo que em outras noites sediam bandas de pagode e samba, mas também bandas provenientes de Cerquillo, no interior regido pelo agronegócio e que se comunicam com as bandas de black metal dos países nórdicos, cujas turnês pela América Latina não obedecem uma cartografia de grandes capitais (Moraes, 2014). O circuito dos skatistas pesquisado por Giancarlo Machado encontra picos para a prática que valorizam certo ineditismo de cenários e de possibilidades de manobra tanto quanto certa transgressão dos usos prescritos dos equipamentos urbanos, e relaciona a requalificação urbana de Barcelona para as Olimpíadas de 1992, momento em que passa a ser a Meca do skate, com as reformas realizadas na Praça Roosevelt no centro de São Paulo, que criou um equipamento repleto de escadas, rampas e corrimões conectados a corpos e skates para criar um ambiente skatista (Machado, 2014).
- 10 Contudo, questões de possibilidades de circulação, táticas dos habitantes em meio a estratégias de ordenamento urbano e segregação socioespacial, para acessarmos os termos de De Certeau (1980), são fatores seminais para a conformação de circuitos. Teresa Caldeira consagrou a expressão Cidade dos Muros para se referir à São Paulo dos condomínios fechados e das *falas do medo*, cujo conteúdo semântico desliza de acordo com a perspectiva. É esta fala do medo que está presente no conflito descrito pelo artigo “Fuera de lugar? (In)visibilidades, conflitos y usos del espacio público”, em que o direito à

cidade e a noção de risco são transformadas em arena de disputas por diferentes agentes a partir da questão de jovens periféricos e sua circulação pelo centro. Mas que também constrói a perspectiva de jovens das classes média-alta e dos policiais do artigo “Trayectos y trayectorias urbanas de jóvenes em Buenos Aires: territorios y moralidades em juego”. Neste, contrapõe-se uma pesquisa com jovens universitárias de elite da Região Metropolitana de Buenos Aires, que discutem sua pertença à zona norte em termos geográficos, mas também morais a uma pesquisa com ingressantes da Polícia Federal, cujo aprendizado e socialização profissional exigem o desenvolvimento de dispositivos de distinção de seus bairros de origem e uma nova forma de se relacionar com bairros e territórios.

- 11 É possível perceber aí como a hierarquização espacial da cidade se dá por um jogo de espelhamentos com Outros que são ao mesmo tempo indefinidos mas absolutamente identificáveis por uma série de diacríticos que permitem identificar sua proveniência. Se o pedaço, que conjuga a noção de espaço público e encontros no plano dos indivíduos com a noção de espaço privado e os encontros no plano das relações pessoais, é o lugar em que se permite reconhecer o semelhante que pertence ao pedaço, é também o lugar em que se determina quem é o outro, com quem se pode estabelecer alianças, evitamentos ou confrontos, em relações que não podem ser presumidas como horizontais, mas estão marcadas por outras relações de poder. Nesse sentido, construir a imagem do outro implica diferentes operações para policiais, jovens “patricinhas” (como as chamaríamos em São Paulo), adolescentes em conflito com a lei e participantes de ONGs de direitos humanos. Por isso, esses poderes precisam também ser descritos e problematizados de perto e de dentro, pensados não apenas a partir de um enquadramento jurídico-estatal. É o que fazem por exemplo os trabalhos de Karina Biondi sobre o PCC (2010) e Taniele Rui, sobre a cracolândia (2014), que estão presentes na coleção Antropologia Hoje, organizada pelo NAU.
- 12 A aposta metodológica de *Hacerse un lugar* de correlacionar trajetórias pessoais e produção de espaços praticados permite também adicionar uma qualidade diacrônica aos circuitos, para além da temporalidade quase sincrônica de seu cotidiano, do calendário em que os pontos do circuito são ativados por seus praticantes. Pensar como se constituem clivagens geracionais, como os jovens que se associam aos movimentos sociais em “Barrio, territorio y movimientos sociales: la construcción juvenil em el Frente Popular Darío Santillan”, ou as crianças que progressivamente vão crescendo e fazendo crescer o raio de seus bairros em “Espacios com edades: el barrio y la pobreza desde los niños y los jóvenes” traz outra camada de temporalidades, permitindo atualizações no tempo dos tempos de vida reconhecidos em uma pessoa, diante das transformações na paisagem e na percepção das potências e dos riscos da circulação. Idade e maturação como categorias constitutivas da noção de pessoa são construídas *na cidade*, em interação com a paisagem urbana. Em contrapartida, a paisagem é também uma justaposição de temporalidades, planejamentos e ordenamentos sucessivos que constantemente subvertidos e transformados pelos modos de habitar de seus ocupantes.
- 13 Além das questões já mencionadas de espaço, circulação, escala e temporalidades, uma última convergência que vale a pena destacar entre os trabalhos do NES apresentados em *Hacerse un lugar* e as pesquisas realizadas no NAU é o caráter coletivo do empreendimento em todas as suas etapas. *Hacerse un lugar* não é simplesmente uma coletânea, mas fruto de um trabalho cooperativo, seja na realização das pesquisas de campo, seja na reflexão sobre os dados a partir de um debate teórico realizado no grupo de pesquisa, seja na

escrita partilhada dos capítulos. Os capítulos assim operam ora como *contrapontos*, em que cada olhar fricciona contra o outro, ora como *complementos*, sempre estendendo prosteticamente o alcance dos argumentos sem um esforço por síntese ou totalização nas conexões parciais que opera (cf. STRATHERN, 1991).

- 14 O Núcleo de Antropologia Urbana, agora institucionalmente convertido em laboratório, tem conduzido nos últimos anos experimentos etnográficos de caráter coletivo, em que as relações construídas em campo com os interlocutores são também marcadas pela presença de pesquisadores enquanto equipe. A multiplicidade de olhares em campo também expande e dá um caráter multissituado aos saberes produzidos. Os dados são registrados em cadernos de campo compartilhados, produzidos a partir de incursões individuais ou coletivas, que formam enredamentos dos temas individuais de pesquisa, cujos produtos finais (artigos, dissertações ou teses) também se interpenetram e se conectam. Em tempos de pressões institucionais por grandes projetos de pesquisa, em detrimento dos trabalhos artesanais e solitários mais característicos de nossa disciplina, as experiências do NAU e do NES experimentam possibilidades de pesquisa cujo rendimento pode ainda ser muito explorado.

BIBLIOGRAPHY

- BIONDI, Karina. 2010. **Junto e misturado: uma etnografia do PCC**, São Paulo, Editora Terceiro Nome,
- DE CERTEAU, Michel. 1980. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FIORI, A. L. Construindo personagens e lugares nos Jogos de Interpretação de Papéis. **outra travessia** n. 13, p. 175-187 - Programa de Pós-Graduação em Literatura. Universidade Federal de Santa Catarina - 1º Semestre de 2012.
- FOUCAULT, M. (1978). **Segurança, Território, População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GOLDMAN, Marcio. 2006. **Como funciona a democracia. Uma teoria etnográfica da política**. Rio de Janeiro: 7 Letras. 367 pp.
- HANNERZ, Ulf. 1980. **Exploring the City: Inquiries toward an Urban Anthropology**. New York: Columbia University Press.
- INGOLD, Tim. 'From the transmission of representations to the education of attention', in H. Whitehouse (ed.), **The debated mind: evolutionary psychology versus ethnography** (Oxford: Berg, 2001), p. 113-153. Versão em português utilizada: "Da transmissão de representações à educação da atenção". In **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010. Tradução de José Fonseca.
- MACHADO, G. M. C. 2014. **De "carrinho" pela cidade: a prática do skate em São Paulo**. São Paulo, Entremeios.
- MAGNANI, José Guilherme C. "Etnografia como prática e como experiência". **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MAGNANI, José Guilherme C. e TORRES, Lilian de Lucca. 1996. **Na Metrópole – textos de antropologia urbana**. São Paulo, Edusp, 2008 (3ª. Edição).

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor ; MANTESE, Bruna (Org.) . **Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. 1. ed. São Paulo: Terceiro Nome, 2007. v. 1. 280p.

MAGNANI, J. G. C. e ANDRADE, J. A. A. O circuito Sateré-Mawé: duas formas da ocupação indígena no contexto urbano. In: AMOROSO, M. R. e SANTOS, G. M. **Paisagens ameríndias: lugares, circuitos e modos de vida na Amazônia**. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2012.

PARK, Robert. (1925). **The City: Suggestions for the Study of Human Nature in the Urban Environment** (com R. D. McKenzie & Ernest Burgess) Chicago: University of Chicago Press.

RUI, Taniele. **Nas tramas do crack: etnografia da abjeção**. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Mana**, Rio de Janeiro , v. 11, n. 2, p. 577-591, Oct. 2005 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132005000200010&lng=en&nrm=iso>. access on 18 Dec. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132005000200010>.

STRATHERN, Marilyn. 1991. **Partial Connections**. Savage, MD: Rowman & Littlefield.

WIRTH, Louis. (1938) O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio G. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Guanabara, 4a. ed., 1987.

AUTHOR

ANA LETÍCIA DE FIORI

Doutoranda PPGAS-USP